

A Universidade Católica e a solidariedade humana

José Abel de Sousa S.J.¹

Maurício Fernandes Vieira Júnior²

Marzo 2021

O Pacto Educativo Global foi um apelo lançado pelo Papa Francisco, no dia 12 de setembro de 2019. Na oportunidade, Papa Francisco explicou a importância de “reavivar o compromisso com as gerações jovens, renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão”.

O evento inaugural do pacto fora previsto para o dia 14 de maio de 2020 em Roma. Devido a pandemia da COVID-19, o evento precisou ser cancelado, mas a continuidade do projeto foi mantida. No dia 15 de outubro de 2020 o evento que deu início ao Pacto Educativo Global foi realizado de maneira remota com momentos bastante reflexivos, de muito discernimento e sabedoria.

Em sua mensagem, Papa Francisco iniciou dizendo que quando convocou este projeto, no ano de 2019, jamais imaginou que o mundo estaria vivendo um momento tão delicado, por conta da pandemia. Reforçou a importância de “olhar em frente com coragem e esperança” para as urgências e emergências que precisam de atenção, se atentando para as dificuldades enfrentadas, mas investindo nossas melhores energias, com coragem.

No dia 03 de outubro de 2020, o Papa Francisco apresentou a Encíclica *Fratelli tutti* sublinhando a importância da Fraternidade e da amizade social como sendo os caminhos indicados pelo Pontífice para construir um mundo melhor, mais justo e pacífico, com o compromisso de todos: pessoas e instituições. Reafirmando com vigor um não à guerra e à globalização da indiferença. Quais são os grandes ideais e também os caminhos concretos para aqueles que querem construir um mundo mais justo e fraterno nas suas relações cotidianas, na

¹ Coordenador da Pastoral Universitária Anchieta – PUC-Rio.

² Responsável pelo projeto FEVUC #PUC-Rio

vida social, na política e nas instituições? Esta é a pergunta à qual o Pontífice pretende responder, principalmente.

A *Fratelli tutti* o Papa define como uma “Encíclica Social” (FT 6) que toma o seu título das “Admoestações” de São Francisco de Assis. O santo da Porciúncula usava essas palavras “para se dirigir a todos os irmãos e irmãs e lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho” (FT 1). A Encíclica tem como objetivo e pretensão promover uma aspiração mundial à fraternidade e à amizade social. No pano de fundo, há a realidade da pandemia da Covid-19 que – revela Francisco – “irrompeu de forma inesperada quando eu estava escrevendo esta carta”. Mas a emergência sanitária global mostrou que ninguém se salva sozinho e que chegou realmente o momento de “sonhar como uma única humanidade”, na qual somos “todos irmãos”. A política da qual há necessidade, sublinha ainda Francisco, é aquela centrada na dignidade humana e que não está sujeita às finanças, porque “o mercado por si só, não resolve tudo”: os “estragos” provocados pela especulação financeira mostraram-no (FT 168). Assumem, portanto, particular relevância os movimentos populares: verdadeiros “torrentes de energia moral”, devem ser envolvidos na sociedade de uma forma coordenada. Desta forma – afirma o Papa -, pode-se passar de uma política “para” os pobres para uma política “com” e “dos” pobres (FT 169).

Outro desejo presente na Encíclica diz respeito à reforma da ONU: perante o domínio da dimensão econômica, de fato, a tarefa das Nações Unidas será dar uma real concretização ao conceito de “família de nações”, trabalhando para o bem comum, a erradicação da pobreza e a proteção dos Direitos Humanos. Recorrendo incansavelmente à “negociação, aos mediadores e à arbitragem” – afirma o documento pontifício – a ONU deve promover a força da lei. Francisco cita o “Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”, assinado por ele mesmo em 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi, junto com o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib: desta pedra miliar do diálogo inter-religioso, o Pontífice retoma o apelo para que, em nome da fraternidade humana, o diálogo seja adotado como caminho, a colaboração comum como uma conduta, e o conhecimento mútuo como um método e um critério (FT 285) sobre a lei da força (FT 173-175).

Em múltiplos registos e ocasiões, o Papa Francisco tem instado à teologia a abrir-se ao diálogo às de outras religiões e aos agnósticos, sempre em vista de um tópico maior, quer do seu esforço por imprimir aos estudos eclesiais aquela renovação sábia e corajosa que é requerida pela transformação missionária de uma Igreja “em saída” (*Veritatis Gaudium*, 3), quer da sua

exortação para que as universidades não sejam lugares onde simplesmente se estuda, mas verdadeiros lugares de encontro, diálogo e confronto. A *Veritatis Gaudium* (a alegria da verdade) lançada pelo Papa Francisco no início de 2019 é uma Constituição Apostólica na qual o papa Francisco apresenta uma nova perspectiva para as universidades e faculdades eclesiais, perante a globalização e a necessidade de uma Igreja “em saída”.

O mundo está cada vez mais globalizado e igualmente permeado por discórdias, incompreensões e conflitos, porém, constata-se uma crescente preocupação das pessoas de boa vontade com o diálogo entre os povos e as culturas. Neste contexto, o papa Francisco salientou, já na *Evangelii Gaudium* (117), que as universidades têm um papel especial, pois possibilitam o diálogo com a cultura, a interdisciplinaridade e a inclusão: “o individualismo pós-moderno e globalizado favorece o estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares” (EG n.67). Afirma ainda que “o anúncio às culturas implica também um anúncio às culturas profissionais, científicas e acadêmicas” (EG n.132). “As universidades são um âmbito privilegiado para pensar e desenvolver este compromisso de evangelização de modo interdisciplinar e inclusivo” (EG n.134).

Na *Veritatis Gaudium* Francisco ressalta a importância da transdisciplinaridade na investigação acadêmica:

De fato, hoje, torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar onde são concebidas as novas histórias e paradigmas (...) A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação. O que qualifica a proposta acadêmica, formativa e de investigação do sistema dos estudos eclesiais, tanto em nível do conteúdo como do método, é o princípio vital e intelectual da unidade do saber na distinção e respeito pelas suas múltiplas, conexas e convergentes expressões. (VG, Proêmio; EG n.74).

As palavras com as quais tem início a Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (Do Coração da Igreja), apresentada em 1990, mas ainda muito atual, dirigida às universidades católicas, sublinha a distinção e, ao fazer menção à tradição que remete a origem da universidade, enquanto instituição, evidencia ser, a universidade católica, verdadeiramente universidade como as outras, “sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade” (ECE n.1). A ECE apresenta a universidade católica como a presença da Igreja no mundo intelectual e universitário para desenvolver sua missão evangelizadora, em diálogo com a cultura e entre a fé e a razão.

A universidade, tradicionalmente, foi definida como uma comunidade composta por mestres e estudantes. Essa definição, contudo, necessita ser ampliada. A universidade católica é definida como “(...) uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana” (ECE n.12). Entretanto, à medida que se aperfeiçoa, se aprimora nas mais diversas linhas de pesquisas, a universidade católica incorre no risco de ir paulatinamente se transformando em uma universidade laboratório, se concentrando na investigação técnico-científica que desprestigia as outras áreas do saber. A universidade, obviamente, possui laboratórios, mas ela não pode ser reduzida a um laboratório. Quando isso ocorre, o investigador se fecha hermeticamente na própria carreira acadêmica, restrita a pequenos grupos de cada área.

Desse modo a universidade se transforma em uma instituição complexa, burocrática, de difícil manejo, perde-se a visão de totalidade da vida humana, restringindo-se à especialização que produz novas técnicas, aumentando a produtividade e o desenvolvimento econômico e, como consequência, a universidade se torna tão profissionalizante que descuida do valor educativo global, estreitando os horizontes, desvalorizando o saber que humaniza, resumindo-se, apenas, a um território endógeno.

H. Lewis, professor da Universidade de Harvard, uma das que mais se destacam no mundo quanto aos rankings acadêmicos, afirma que a universidade pode ter excelência acadêmica, mas isso, por si só, não garante que ela seja humanizadora; pode alcançar excelência acadêmica, porém, “permanecer sem a alma”, a supervalorização do acadêmico pode favorecer o surgimento de pessoas autorreferentes, portanto, arrogantes e de difícil convívio humano e social. Os indicadores que avaliam as universidades são necessários, o problema é que normalmente se limitam à quantidade de publicações, patentes, acervos, empregabilidade, porém, muitos desses itens são parciais, respondem a critérios apenas do mercado, não incluindo e, muitas vezes, nem levando em conta, índices sociais, como prestações de serviço a comunidades menos favorecidas da respectiva região.

A Universidade Católica, tal como qualquer outra Universidade, está inserida na sociedade humana. Para a realização do seu serviço à Igreja e à sociedade, ela é solicitada - sempre no âmbito da competência que lhe é própria - a ser instrumento cada vez mais eficaz de progresso cultural, quer para os indivíduos, quer para a sociedade. As suas atividades de investigação, portanto, incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos, como a dignidade da vida

humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a proteção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem econômica e política, que sirva melhor à comunidade humana a nível nacional e internacional. A investigação universitária será dirigida a estudar em profundidade as raízes e as causas dos graves problemas do nosso tempo, reservando atenção especial às suas dimensões éticas e religiosas. O Documento pontifício é muito claro ao afirmar que: “Quando for necessário, a Universidade Católica deverá ter a coragem de proclamar verdades incômodas, verdades que não lisonjeiam a opinião pública, mas que no entanto são necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade” (ECE 32).

Segundo o educador, filósofo, teólogo e poeta Rubem Alves: “A gente precisa ter uma educação ligada com a vida. Porque é para isso que a gente aprende, para poder viver melhor, para ter mais prazer, para ter mais tempo, para não se arriscar”. Indubitavelmente o que o saudoso pedagogo quer expressar é que a felicidade está intrínseca ao processo educacional, uma vez que sem sabor, saber algum se vale soberanamente. Ainda na esteira da educação pelo afeto, a poesia é lugar-convite para se pensar uma nova era de combate à indiferença e à artificialidade da presença. Cada vez mais a sociedade se individualiza, a começar pela juventude, com as crianças da “geração do quarto”, com seus celulares e infinitas aparelhagens convidativas a uma estética da comunicação midiática, passando pelos empresários e chegando à escola que teve de se reposicionar, nas confluências da tecnologia, a um novo *modus operandis* de trabalho e comunicabilidade.

A Arte e a poesia reconectam o ser ao seu mais profundo estado de natureza, ou seja, em sua essência primeira, como o do *homo ludens*, conceito cunhado por Johann Huizinga, que elucida ser, o jogo, a primeira ação, antes da cultura, que amalgama o ser racional, assim como o irracional, à condição de fazedores lúdicos. Sendo apenas o homem e a mulher, no trabalho técnico, potenciais agentes transformadores da sociedade, capazes de intervir com o jogo nas frestas do trabalho ordinário, sensibilizando-o. E é também o teatro a linguagem artística que melhor traduz este jogo entre as relações humanas e a vida; desde a ideia de mimesis, em Platão e depois em Aristóteles, como arte da imitação, até a composição de um espetáculo ou *mise en scene*.

E na Educação não pode ser diferente, pois a criança, o jovem, o adulto, enfim, o ser em constante aprendizado, está sempre em processo; e este processo cheio de intempéries e

descobertas do que se lê e do que se vai inferindo no percurso, deve ser costurado também com a ideia de jogo, pois o fazer brincante do intelecto dá vida pungente e pulsante ao labor intelectual, sensibilizando, assim, a construção do conhecimento como alternativa de reconstrução do mundo, pelas vias do afeto e de uma Educação libertadora, como anunciada no século passado por Paulo Freire. E não apenas por ele, mas por exímios baluartes da Literatura e da Poesia, autores e autoras que vislumbraram pela arte da escrita a potente forma de dizer o mundo e sua emergência em redescobrir uma educação pelo coração, pelos afetos, não pelas vias demasiadas austeras do conhecimento das primeiras Universidades, mas antes, pela derrubada das paredes que dividem e pelo erguimento de pontes que incluem a todas e todos no saber saboroso.

Manoel de Barros, poeta cuiabano, conhecido como o poeta das insignificâncias, tem vasta obra sobre a natureza, as sutilezas das pequenas criaturas, sobre infância, vida e morte e muitos temas importantes para se pensar a vida e o humano. O poema abaixo traduz a compreensão por uma “deseducação”, para melhor educar aos olhos e ao coração, em detrimento de um ensino tradicional e insosso que não seduz o aprendiz a querer o conhecimento.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse.

Ele fez um limpamento em meus receios.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nada... E se riu.

Você não é de bugre? – ele continuou.

Que sim, eu respondi. Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas.

- Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os araticuns maduros. Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de gramática.

O poema de Manoel de Barros é um instrumento artístico para se compreender que o fazer da Educação, por uma sensibilidade e escuta atenta ao outro, não pode se configurar como mero processo cognitivo e intelectual sem que crie, antes, e sempre, uma proposição subjetiva às necessidades de comunicação em sociedade entre o que se sabe e a práxis que se exerce. Como o próprio livro, que contém o poema, revela em seu título: *O livro das ignorâncias*” é também

necessário que o ser em sua formação, principalmente os estudantes da universidade, permita-se a certas ignorâncias para melhor e humildemente se aperceber, diante o tamanho das possibilidades, que o conhecimento que lhe é oferecido, no imenso universo da Escola e/ou da Academia, só será efetivamente apreendido, se houver disposição em aceitar o processo de construção no percurso da aprendizagem.

A poesia nos permite, como um colírio, antevermos, por metáforas, a singeleza, por vezes dura, das incongruências da vida. Em sua origem, a *poiesis*, do grego; a ideia de criar ou fazer, seria para Aristóteles o impulso do espírito humano para criar algo a partir da imaginação e dos sentimentos. Assim, se fosse possível pensar uma Educação na qual ao invés de uma Universidade dividida em Centros e Áreas distintas, pudesse haver o livre trânsito dos cursos, em transdisciplinaridade, a partir das Humanidades, o poema de Mário Quintana faria todo sentido:

Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões,
não falaria em Deus nem no Pecado
- muito menos no Anjo Rebelado
e os encantos das suas seduções,

não citaria santos e profetas:
nada das suas celestiais promessas
ou das suas terríveis maldições...
Se eu fosse um padre eu citaria os poetas,

Rezaria seus versos, os mais belos,
desses que desde a infância me embalaram
e quem me dera que alguns fossem meus!

Porque a poesia purifica a alma
... a um belo poema - ainda que de Deus se aparte -
um belo poema sempre leva a Deus!

O poeta gaúcho ilumina uma possível compreensão de que a chave de leitura da poesia está em o leitor permitir-se ascender a uma mística literário-transcendental que o inscreva na história dos padres e poetas, da Igreja e da Educação, trocando os papéis sociais de mestria e aprendizado,

e aumentando as possibilidades de acesso a uma nova hermenêutica do conhecimento, da fé, da literatura, da educação e da vida, por conseguinte. “Um belo poema sempre leva a Deus”, é a certeza de que aquela ou aquele que lê, é um ser convidado a experimentar o Sagrado por meio da Poesia, uma vez que Deus, como o Incrariado, o Onipresente, está em tudo, até mesmo no encontro saboroso do saber literário e artístico entre quem lê e, por fim, descortina um novo mundo diante dos olhos.

Faz-se urgente, no mundo atual, que a criatura humana (trans)veja para além, portanto, do óbvio, uma nova episteme das relações, sobretudo no caminho da Educação, da Fé e da Cultura. Se não houver disposição afetiva coadunada a uma esperança ativa, de nada adiantarão discursos louváveis de ilustres figuras, seja no âmbito civil ou religioso, porque o que é urgente nos tempos que se seguem é uma nova pedagogia da sensibilidade, que inflame uma revisão da ontologia do próprio ser em detrimento à sua busca pelo desenfreado ardor ao Capital agressivo e invasivo à condição da dignidade humana e o desrespeito aos direitos humanos. Tarda, mas com algum tempo ainda de recomeço, que todas e todos estejam em condição de vida fraterna, no desejoso encontro de uma aldeia comum, de uma casa comum, onde prevaleça a paz e a justiça social. Do contrário, respiraremos apenas, com esperança ativa, o que nos elucida poeticamente Frei Betto, em *A arte de semear estrelas*:

Mas ergo um brinde a todos os infelizes, cegos às infinitas possibilidades da luz e das rotas. Sejam todos agraciados pela embriaguez da alegria divina, abertos ao amor que jamais nega água a quem se ajoelha, reverencia ofertoriamente a existência e aprende a impregnar-se do outro.